

---

## Pluriatividade no novo rural brasileiro e o papel da agroecologia

Geisa Corrêa Louback, Maurício Novaes Souza, Gláucia Maria Ferrari, Hudson Covre Pereira, Bruno de Lima Preto, Karla Maria Pedra de Abreu, Roberta Cunha Vieira, Luana Soares Egidio, Guilherme Andrião Trugilho, Aline Marchiori Crespo, Andre Geaquinto Ferri

<https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-18-3.c10>

### Resumo

Nos primeiros tempos da vida rural no Brasil, a característica mais marcante era a diversidade de atividades nas propriedades rurais, que garantia a autossuficiência. A descentralização das práticas agrícolas e pecuárias era a base da subsistência nas áreas rurais brasileiras. Essa proficiência dos habitantes rurais permitiu que, ao longo dos séculos e após enfrentarem os desafios do sistema de produção convencional, os pequenos agricultores se adaptassem às novas demandas do mercado. Este estudo buscou explorar a pluriatividade no contexto do "novo rural" por meio de uma revisão de literatura. Com o avanço tecnológico e o êxodo rural, muitos habitantes do campo encontraram na pluriatividade a única alternativa viável para sustentar suas famílias, uma vez que a atividade rural tradicional por si só não garantia mais a subsistência. A pluriatividade, portanto, passou a contribuir significativamente para a renda dos pequenos agricultores, introduzindo novas atividades no meio rural. Nesse sentido, os sistemas agroecológicos de produção desempenham um papel importante na melhoria das condições socioambientais, na promoção da saúde e na garantia da segurança alimentar. Observou-se no presente estudo que a cadeia produtiva agroecológica e o consumo estão intrinsecamente ligados, promovendo uma abordagem sustentável à agricultura que beneficia o meio ambiente, as comunidades locais, a saúde e a qualidade dos alimentos. A adoção da pluriatividade, uma característica dos sistemas agroecológicos, emerge como uma alternativa sustentável para que os agricultores familiares possam permanecer no meio rural.

**Palavras-chave:** Permanência no campo. Agroecologia. Sucessão. Desenvolvimento rural sustentável.

## 1. Introdução

A agricultura familiar desempenha um papel essencial na alimentação da maioria da população mundial (BREITENBACH, 2021). No Brasil, exerce uma função decisiva na produção de alimentos que abastecem as mesas das famílias. Além disso, essa atividade contribui para a absorção de mão de obra sazonal, o que ajuda a conter o êxodo rural, impulsiona o desenvolvimento econômico local e diversifica a oferta de alimentos. Além disso, a agricultura familiar é vista como uma prática ambientalmente sustentável (Figura 1).



**Figura 1.** Produção familiar no município de Brejetuba, ES. Fonte: Acervo Roberta Cunha Vieira, 2022.

Quando se trata do Brasil, essa modalidade de agricultura é responsável por fornecer mais de 70% dos alimentos consumidos pela população (SOARES, 2017). Além disso, desempenha um papel decisivo na preservação das comunidades tradicionais, como os indígenas, quilombolas e caiçaras, como aponta Silva (2019).

Portanto, é imperativo garantir condições dignas de trabalho e de vida para os agricultores familiares, mesmo que seja o esteio da segurança alimentar. Surpreendentemente, a agricultura familiar tem frequentemente sido negligenciada nas iniciativas e avanços tecnológicos que ocorrem no setor

agropecuário, especialmente durante a "Revolução Verde" (GRAÇA; LAGES; BARBOSA, 2022; SILVA; SILVA, 2022).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2019), a agricultura familiar oferece uma oportunidade única para assegurar a segurança alimentar, melhorar a subsistência, manejar os recursos naturais de forma mais eficiente, preservar o meio ambiente e promover o desenvolvimento sustentável, especialmente nas áreas rurais. A FAO enfatiza que os agricultores familiares são agentes de mudança, com seu conhecimento e cuidado com a terra, e desempenham um papel fundamental no combate à fome e na construção de um mundo mais equilibrado, resiliente e orientado para o desenvolvimento sustentável (Figura 2).



**Figura 2.** Agricultora do modelo de produção familiar do município de Brejetuba, ES. Fonte: Acervo Roberta Cunha Vieira, 2022.

Além disso, é importante destacar a estreita ligação entre agricultura familiar, produção de alimentos e agroecologia, demonstrando que esta não só é economicamente viável, mas também desempenha um papel essencial na segurança alimentar (SILVA et al., 2021).

A introdução da Revolução Verde, acompanhada de um conjunto de medidas para modernização, incluindo amplos programas de crédito e outros incentivos governamentais (que em grande parte beneficiaram apenas os

grandes produtores), consolidou a ideia de progresso no campo como dependente da intensificação tecnológica, capital e informação (CASTRO, 2017). Esse processo acabou por estigmatizar a agricultura praticada por pequenos agricultores familiares e comunidades tradicionais como atrasada, resultando em desigualdades socioculturais e na marginalização desses grupos.

Sem o apoio econômico e político necessário, os agricultores do modelo de produção familiar enfrentaram dificuldades para acessar as modernas tecnologias agropecuárias, e muitos viram seus trabalhos sendo substituídos por máquinas. Como resultado, aqueles que não migraram para áreas urbanas tiveram que buscar estratégias alternativas para gerar renda e permanecer no campo (CONCEIÇÃO, 2020).

Em épocas anteriores, os agricultores familiares conseguiam se sustentar concentrando-se principalmente em atividades agrícolas. No entanto, com as mudanças decorrentes da Revolução Verde, viram-se obrigados a diversificar suas práticas para além da produção agropecuária tradicional, dando origem ao conceito de pluriatividade (SILVA; SILVA, 2022). A pluriatividade é caracterizada pela combinação contínua de atividades agrícolas e não agrícolas em uma mesma família (SCHNEIDER, 2001; SILVA et al., 2013).

As estratégias desenvolvidas pelos agricultores para enfrentar os desafios diários no campo resultaram em transformações significativas, levando ao surgimento de discussões sobre as chamadas "novas ruralidades" (SILVA, 2019). Hoje, o cenário rural é cada vez mais complexo, e a distinção entre o que é rural e urbano se torna menos clara, tanto em termos de espaço quanto de atividades econômicas (CONCEIÇÃO, 2020).

Esse "Novo Rural" é altamente heterogêneo, e as atividades nele desenvolvidas são influenciadas por diversos fatores, como aspectos regionais, econômicos, sociais e culturais. No campo acadêmico, estudiosos da área têm opiniões diversas sobre essa nova configuração do meio rural.

O presente trabalho buscou, por meio de uma revisão de literatura e estudos de caso, discutir as características da pluriatividade na agricultura familiar no contexto do "Novo Rural" brasileiro e seus impactos nas questões sociais no campo.

Para construir este capítulo, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva (GIL, 2008), utilizando uma revisão de literatura que abordou as características da pluriatividade na agricultura familiar no "Novo Rural" brasileiro, com foco nas questões sociais no campo.

Foram selecionados artigos disponíveis *online*, abrangendo o período de 1997 a 2022, obtidos em bases de dados como "Google Acadêmico", "SciELO" e "Biblioteca Digital de Teses e Dissertações". A busca também incluiu a revista científica "Revista de Economia e Sociologia Rural", bem como materiais do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Os descritores de busca utilizados foram: "agricultura familiar", "agroecologia", "meio rural", "novo rural", "questões sociais no campo", "pluriatividade no campo", "pluriatividade e questões sociais no campo" e "turismo rural".

## 2. Novo rural brasileiro

José Graziano da Silva é um autor fundamental quando se trata do tema do Novo Rural Brasileiro, sendo sua contribuição central para as discussões sobre o assunto. O termo "Novo Rural" emerge como uma expressão que engloba quatro grandes subconjuntos que constituem a agropecuária brasileira (SILVA, 1999; SILVA et al., 2013):

- ✓ Agribusiness e seu sistema de produção moderno de *commodities*, que mantém uma estreita relação com a agroindústria;
- ✓ Agricultura e pecuária rudimentares, predominantemente voltadas para a subsistência, alimentando uma grande população rural que não consegue participar do processo de modernização do agribusiness;
- ✓ Uso do espaço rural para atividades não agrícolas, como moradia, lazer, atividades industriais, entre outras; e
- ✓ Nichos específicos de novas atividades rurais.

Conforme destacado por Whitaker (2009), o ambiente rural pode ser categorizado da seguinte maneira:

- ✓ Rural Tradicional: caracterizado pela resistência e por formas importantes de sociabilidade.

✓ Rural Contemporâneo: onde se encontram movimentos de luta pela Reforma Agrária e oposição à hegemonia do latifúndio.

✓ Rural Esquecido: onde os atores sociais buscam o reconhecimento dos territórios e sua integração na sociedade, levando em consideração seus valores socioculturais.

✓ Novo Rural: um modelo flexível, adaptado às necessidades do ambiente rural. O "novo" não se refere ao agronegócio tradicional, mas sim à adoção de novas tecnologias e alternativas que fortaleçam o agricultor familiar. O Brasil tem uma longa história de latifúndios associados à monocultura, como a *plantation* dos grandes cultivos.

Com a modernização das atividades agropecuárias, houve uma crescente ocupação com fins urbanos na zona rural, levando à conversão de terras rurais em urbanas, muitas vezes sem promover a inclusão social e a sustentabilidade ambiental. Isso resultou na coexistência do Novo Rural e suas características urbanas, com a incorporação de novas tecnologias e o surgimento de atividades não agrícolas que contribuem para a renda familiar dos moradores rurais (SANTORO; PINHEIRO, 2004) (Figura 3).



**Figura 3.** Agricultura do modelo de produção familiar do Novo Rural - técnicas modernas de produção, Brejetuba, ES. Fonte: Acervo Roberta Cunha Vieira, 2022.

O Novo Rural Brasileiro já não se limita apenas à agricultura e inclui atividades que anteriormente eram típicas de ambientes urbanos, como

produção de artesanato, turismo e confecções. Isso representa a pluriatividade no campo (SILVA; HOFFMANN, 2001).

Nesse contexto, como ressalta Ferrari (2020, p. 61), "a proposta do Novo Rural busca superar a oposição existente entre o campo e a cidade, apontando para uma maior valorização do rural em vez de eliminar essa diferença".

### **3. Pluriatividade e sua contribuição para o novo rural**

Por meio da implementação da Revolução Verde no Brasil, foi estabelecido um modelo de produção agropecuário que enfatiza sistemas de cultivo baseados na monocultura, mecanização e uso intensivo de agroquímicos. Esses processos contribuíram diretamente para o êxodo rural no Brasil e para a degradação dos recursos naturais. Conseqüentemente, muitos agricultores familiares se viram pressionados por grandes latifundiários a vender suas propriedades e migrar para áreas urbanas, aumentando a população marginalizada nas cidades (ALVES; SOUZA; MARRA, 2011; SOUZA, 2023a).

Essa busca por uma agricultura altamente produtiva e orientada pelo capitalismo transformou o cenário agropecuário, evoluindo de um modelo voltado para a produção de alimentos em direção a outro centrado no agronegócio (DAL SOGLIO; KUBO, 2009; SOUZA, 2023b). Em contrapartida à tendência de redução das atividades agropecuárias nas áreas rurais do Brasil, houve um aumento significativo da participação do trabalho não agrícola entre os habitantes das áreas rurais, especialmente durante os anos das décadas de 1990 e 2000 (SAKAMOTO, 2016).

Para buscar oportunidades além da agricultura, houve um aumento considerável no número de moradores das áreas rurais que também possuem atividades profissionais nas áreas urbanas, como nas granjas e nas indústrias têxteis. Em resumo, o meio rural brasileiro passou por um processo de urbanização nas duas últimas décadas, resultado da industrialização da agricultura, ao mesmo tempo em que elementos urbanos se infiltraram em um espaço tradicionalmente considerado rural (Figura 4) (SILVA, 1997; SOUZA, 2023b).



**Figura 4.** População do distrito de Rive, Alegre, ES: vivem e trabalham no meio urbano e rural. Fonte: Acervo Maurício Novaes, 2022.

Esse "Novo Rural" teve que se adaptar à ocupação não agrícola e à introdução de atividades não agrícolas. Não se limita mais a depender exclusivamente das fontes de renda das atividades agrícolas, buscando diversificar suas ações com atividades como turismo rural, artesanato e agroindústria (SCHNEIDER, 2003). Assim, a pluriatividade ganhou força e se consolidou como uma alternativa para novas ocupações no meio rural.

Na academia, há debates sobre a origem das atividades diversificadas em práticas agropecuárias. Alguns argumentam que essas atividades sempre existiram, sob o rótulo de setor de subsistência, e que a mudança reside no reconhecimento político e social desse setor. Outros afirmam que a pluriatividade é algo verdadeiramente novo no meio rural, influenciando uma nova configuração desse espaço (VIRGOLIN, 2022).

De acordo com a definição de Schneider e Cassol (2003), a pluriatividade ocorre quando uma família rural exerce, em conjunto com a atividade agrícola, outras atividades não agrícolas. Portanto, a pluriatividade é ao mesmo tempo uma causa e um efeito das atividades não agrícolas, o que Veiga (2003) chama de "simbiose familiar de ocupações agrícolas e não agrícolas".

É importante ressaltar que, em certos cultivos, a renda é obtida apenas no final da safra, enquanto durante a maior parte do ano são necessários



investimentos financeiros para garantir uma boa colheita. Se o pequeno agricultor não tiver um controle financeiro adequado (o que muitas vezes não ocorre), a busca por outras atividades se torna uma questão de sobrevivência (GRAÇAS; LAGES; BARBOSA, 2022). Portanto, independente das razões pelas quais os agricultores se veem obrigados a diversificar suas atividades no campo, a importância da pluriatividade se torna incontestável (Figuras 5 e 6).



**Figuras 5 e 6.** Indústrias na comunidade de Feliz Lembrança, Alegre, ES. Fonte: Acervo Maurício Novaes, 2023.

As atividades pluriativas também podem estar relacionadas à preservação e conservação dos recursos naturais, buscando alternativas e tecnologias sociais que considerem a sustentabilidade. Nesse contexto, o Novo Rural se abre para um mundo de possibilidades, onde não apenas a dimensão econômica é relevante, mas também fatores relacionados à preservação da natureza, da qualidade do ar e da água (WHITAKER; SOUZA; WHITAKER, 2016).

Leal et al. (2023) e Souza et al. (2023) afirmaram em um estudo de caso na agroindústria familiar Rancho Sossego, na Vila de Patrimônio da Penha, Divino de São Lourenço, ES, que os agricultores demonstraram um desejo genuíno de mudança. Eles se comprometeram e persistiram na implementação das soluções propostas por um dado programa. Ficou evidente que, à medida que avançavam em direção a uma realidade mais sustentável, o movimento de

agroturismo cresceu e os produtos do Rancho Sossego passaram a ser mais valorizados.

De acordo com esses mesmos autores, as questões levantadas pelo Sistema de Inspeção Municipal (SIM) foram resolvidas, colocando o estabelecimento em conformidade com os regulamentos de fiscalização. A transformação social, ambiental e econômica despertou o interesse de outras propriedades em aderir ao programa, uma vez que observaram os resultados positivos alcançados pelo Rancho Sossego, que foi um dos primeiros a aderir ao programa como "early adopters"<sup>11</sup>.

De acordo com esses autores, este estudo demonstrou claramente a interligação inquebrável entre ensino, pesquisa e extensão. Além de beneficiar a agroindústria, a dimensão social também foi fortalecida. A comunidade local experimentou impactos positivos, como geração de renda, segurança alimentar, implementação de políticas públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), educação ambiental e responsabilidade social.

Os autores concluíram que a disseminação de tecnologias, por meio de abordagens orientadas pelos princípios da extensão rural, possibilitou parcerias frutíferas entre instituições e produtores rurais, mostrando-se viável no contexto da agroindústria familiar de pequeno porte, como o Rancho Sossego. Destacaram ainda que a educação agroecológica e a conscientização ambiental são fundamentais para garantir que a transformação das propriedades e dos agricultores ocorra de maneira adequada, equilibrando os pilares ambiental, social e econômico, rumo ao desenvolvimento sustentável.

Outra tendência no meio rural é a ocupação trabalhista em atividades não agrícolas como serviços domésticos, construção civil e comércio em geral. No entanto, deve-se chamar a atenção para o fato de que o crescimento do número de pessoas e famílias ocupadas em atividades não agrícolas no campo não deve ser imediatamente associado ao fenômeno da pluriatividade nas famílias rurais. Este entendimento permite perceber que essas atividades estão ligadas ao mercado de trabalho, onde a mão de obra utilizada pode ser substituída, não

---

<sup>11</sup> São os primeiros adeptos (*early adopters*): esse termo famoso no mundo do *marketing*. São inovadores e criadores de tendências entre as pessoas, justamente pela curiosidade em utilizar e experimentar novas tecnologias e, ou, produtos (SOUZA et al., 2023).

caracterizando a pluriatividade no meio rural e sim ocupação fora do ambiente rural que agrega na renda familiar (SCHNEIDER, 2003).

A pluriatividade pode indicar soluções ou encaminhamentos para os seguintes desafios: 1) elevar a renda familiar; 2) estabilizar a renda em face da sazonalidade dos ingressos na agricultura; 3) estratégia de diversificação das fontes de ingresso; 4) contribuir na geração de emprego no espaço rural; 5) reduzir as migrações campo-cidade; 6) estimular os mercados locais e desenvolver os territórios rurais; 7) contribuir para estimular mudanças nas relações de poder e gênero; 8) modificar o sentido da terra e do rural (SILVA, 1999; BERDEGUÉ; REARDON; ESCOBAR, 2001; SOUZA, 2023b) (Figura 7).



**Figura 7.** Sítio Santa Rita, Espera Feliz, MG: produção de cafés especiais e diversas atividades associadas. Fonte: Acervo Maurício Novaes, 2019.

No contexto do Novo Rural, a pluriatividade emerge como uma estratégia promissora que se alinha com a necessidade de transformação dos modelos agropecuários predominantes. Representa uma abordagem flexível e multifacetada para o desenvolvimento das áreas rurais e, quando combinada com a adoção de novas mentalidades e práticas voltadas para o campo, como a Agroecologia, desempenha um papel fundamental na promoção da permanência das famílias e jovens nesse ambiente em evolução.

### 3. Pluriatividade e a agroecologia

Ao traçar uma linha do tempo que retrata a insustentabilidade da agricultura brasileira, podem-se identificar diversos pontos de partida, desde o período da colonização e escravidão até os dias atuais. Essa trajetória inclui a chegada dos imigrantes europeus e a concessão de terras a eles, a implementação da agricultura tradicional e a exploração intensiva dos recursos naturais, bem como a introdução da Revolução Verde, o conseqüente êxodo rural e o crescimento do agronegócio com o uso crescente de tecnologias voltadas para a industrialização da produção agrícola. Ao longo desses períodos, fica evidente que o meio rural brasileiro sempre esteve permeado por uma diversidade de atividades, com diferentes modelos agropecuários contribuindo para o fortalecimento da agropecuária no país.

As mudanças econômicas, sociais e ambientais que o campo brasileiro vem experimentando nas últimas décadas estão provocando uma reorganização das atividades e dos espaços rurais. Isso abre novas possibilidades para o desenvolvimento desse ambiente. No contexto da pluriatividade, a agroecologia emerge como uma ferramenta importante para fortalecer várias atividades e tecnologias adaptáveis às necessidades dos agricultores. Portanto, os princípios da agroecologia, quando aliados à pluriatividade, podem contribuir para a criação de um ambiente propício à conservação ambiental nas propriedades rurais (Figura 8).



**Figura 8.** Sítio Santa Rita, Espera Feliz, MG: pluriatividades associadas à produção de cafés especiais. Fonte: Acervo Maurício Novaes, 2019.

A agroecologia, conforme definido por Caporal e Costabeber (1998), baseia-se em premissas que enfatizam que o desenvolvimento humano não deve ser reduzido apenas ao crescimento econômico, mas deve considerar a interconexão entre as pessoas e a natureza, bem como o respeito à biodiversidade. Os sistemas agroecológicos podem representar uma alternativa para o desenvolvimento das áreas rurais, levando em consideração suas particularidades sociais, econômicas, culturais e ecológicas.

Nesse contexto, a agroecologia se torna não apenas um princípio, mas também uma prática relevante. Surge como resultado da resistência às contradições entre as lógicas produtivas e se torna um instrumento para superar a visão segmentada do campo, enxergando-o como um espaço de vida social (FERRARI, 2020).

Para Barbosa, Brandenburg e Lages (2017), a pluriatividade na agroecologia permite que os agricultores rompam com o sistema produtivo agrícola convencional, valorizando um sistema multiprodutivo que integra atividades agrícolas e não agrícolas; ou seja, a produção de bens e serviços multissetoriais. A pluriatividade, quando associada à agroecologia, contribui para o fortalecimento da economia local, envolvendo os atores locais e incorporando seus conhecimentos (Figuras 9 e 10).



**Figuras 9 e 10.** A - Área degradada convertida em B - sistema agroflorestal (SAF) com café, abacate e banana, Muniz Freire, ES. Fonte: Guilherme Trugilho, 2023.

Tanto a pluriatividade quanto a agroecologia são temas relevantes no contexto das novas ruralidades. Em sistemas agroecológicos, diversas atividades, sejam agrícolas ou não, são desenvolvidas, promovendo a diversificação de práticas no espaço rural. Exemplos incluem o agroecoturismo, artesanato, apicultura, piscicultura, entre outros (SOARES, 2017).

Práticas pluriativas com abordagem agroecológica podem desempenhar um papel crucial na retenção dos jovens no campo, ajudando a resolver o problema do êxodo rural, que afeta o envelhecimento da população rural. Muitos fatores contribuem para a migração dos jovens, incluindo a falta de perspectivas de ascensão social, acesso limitado à educação e oportunidades de emprego nas áreas rurais e atração pela vida urbana (MARIN, 2020).

Conforme a pesquisa que Ferrari (2020) destacou, os planos de vida dos jovens que vivem no campo refletem a valorização do meio rural como um espaço de vida social, mas também evidenciam a falta de direitos e alternativas profissionais que possam garantir oportunidades de emprego e independência financeira, tanto na agricultura quanto em outras áreas.

No entanto, exemplos práticos demonstram que a pluriatividade com base na agroecologia pode motivar os jovens a permanecer no campo e dar continuidade às práticas familiares. Famílias que adotam sistemas agroecológicos e pluriatividade conseguem garantir sustento e qualidade de vida, além de atrair o interesse das novas gerações em continuar a tradição familiar (MORORÓ; FERREIRA; FILHO, 2021).

Um Estudo de Caso realizado por Gonçalves et al. (2023) teve por objetivo descrever as experiências de mobilização e organização da juventude envolvida na transição agroecológica na Comunidade de Feliz Lembrança, Alegre, ES, considerando os aspectos sustentáveis econômicos, culturais, religiosos e ambientais. A participação ativa da Comunidade na feira da agricultura familiar de Alegre, juntamente com a criação da agroindústria Frumel, desempenhou um papel fundamental na promoção e expansão da produção agroecológica nas propriedades rurais.

Segundo esses mesmos autores, este processo também teve um impacto significativo na capacitação e envolvimento das mulheres na produção,

processamento e comercialização de produtos alinhados aos princípios da agroecologia, graças ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Além disso, a aquisição de 30 alqueires de terra por meio do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) incentivou os jovens a escolherem o campo como uma oportunidade de liberdade e realização pessoal.

Essas iniciativas foram tão bem-sucedidas que transformaram a comunidade em um polo de empreendedores rurais. Além das atividades agroecológicas, a organização incentivou os moradores a oferecerem uma variedade de serviços, gerando renda adicional para as famílias agricultoras e reduzindo a necessidade de buscar empregos fora da comunidade. Isso ampliou significativamente as oportunidades de emprego e renda local, demonstrando aos jovens que existem alternativas de desenvolvimento baseadas em valores como solidariedade, igualdade e fraternidade. Esse novo paradigma fortaleceu o senso de pertencimento e capacitou líderes comunitários com visão de desenvolvimento local.

Toda essa transformação, focada na agroecologia e na diversificação da produção agrícola, ocorrida ao longo dos últimos 15 anos, desempenhou um papel fundamental na mudança de perspectiva da juventude de Feliz Lembrança. Essa abordagem permitiu a criação de uma identidade coletiva na comunidade, por meio do associativismo, mantendo a diversidade e buscando constantemente melhorar as condições de vida na comunidade. Essa mudança de paradigma resultou na significativa redução do êxodo rural, permitindo a continuidade das tradições familiares e a sucessão nas atividades agrícolas nas propriedades (*ibidem*).

Portanto, a agroecologia, quando integrada à pluriatividade, emerge como uma ferramenta poderosa para transformar a realidade no campo. Ela não apenas promove a permanência dos jovens, mas também contribui para a preservação ambiental e oferece oportunidades sustentáveis de desenvolvimento para as comunidades rurais (POLLNOW; CALDAS, 2021).

## 4. Cadeia produtiva agroecológica e consumo

A cadeia produtiva agroecológica e o consumo estão interconectados em um sistema que busca promover práticas agrícolas sustentáveis e saudáveis. A agroecologia é uma abordagem que considera a agricultura como parte de um ecossistema maior e visa promover a harmonia entre os sistemas agropecuários e naturais. Em uma análise ampla, observa-se que a cadeia produtiva agroecológica e o consumo se relacionam da seguinte forma (WHITAKER; SOUZA; WHITAKER, 2016; SOARES, 2017; VIRGOLIN, 2022; SOUZA et al., 2023):

### 1. Produção Agroecológica

✓ **Práticas Sustentáveis:** na agroecologia, os agricultores adotam práticas sustentáveis, como o uso mínimo de agroquímicos ou fertilizantes sintéticos, rotação de culturas, diversificação de espécies e sistemas agroflorestais.

✓ **Preservação da Biodiversidade:** a agroecologia valoriza a biodiversidade e promove a conservação dos ecossistemas locais, o que contribui para a manutenção de serviços ecossistêmicos, como polinização e controle natural de pragas.

### 2. Processamento e Distribuição:

✓ **Processamento Sustentável:** na cadeia produtiva agroecológica, os produtos são frequentemente processados de maneira sustentável, com foco na preservação de nutrientes e na redução do desperdício.

✓ **Distribuição Local:** muitas vezes, os sistemas agroecológicos enfatizam a distribuição local (ciclo curto de distribuição)<sup>12</sup>, reduzindo a pegada de carbono associada ao transporte de alimentos a longas distâncias, respostas rápidas às demandas de mercados locais, sustentabilidade ambiental, promoção de produtos locais e melhor atendimento ao cliente.

---

<sup>12</sup> A expressão "distribuição local" ou "ciclo curto de distribuição" geralmente se refere a um processo de distribuição de produtos ou serviços que ocorre em um nível geográfico restrito, em oposição a uma distribuição que abrange grandes áreas geográficas.



### 3. Consumo Responsável:

✓ **Escolhas Conscientes:** os consumidores desempenham um papel fundamental ao escolherem alimentos produzidos de forma agroecológica. Eles podem apoiar agricultores locais que adotam práticas sustentáveis, optando por alimentos orgânicos ou de agricultura familiar.

✓ **Conscientização Ambiental:** o consumo consciente inclui a conscientização sobre os impactos ambientais da produção de alimentos, bem como a escolha de produtos que tenham menor impacto.

### 4. Comunidades Locais:

✓ **Fortalecimento Comunitário:** a produção agroecológica muitas vezes ocorre em escala local, fortalecendo as comunidades e a economia local. Isso pode contribuir para a resiliência das comunidades rurais.

✓ **Conexão entre Produtores e Consumidores:** os consumidores muitas vezes têm uma conexão direta com os produtores, o que pode aumentar a confiança e a transparência na cadeia de suprimentos (Figura 11).



**Figura 11.** Feirinha agroecológica no V Encontro Anual de Agroecologia (ENA) no Ifes campus de Alegre. Fonte: Acervo Maurício Novaes, 2023.

## 5. Educação e Conscientização:

✓ **Promoção da Educação:** a agroecologia frequentemente envolve programas de educação e conscientização para agricultores e consumidores, visando disseminar melhores práticas e conhecimento sobre sistemas alimentares sustentáveis.

## 6. Saúde e Nutrição:

✓ **Alimentos Saudáveis:** a produção agroecológica geralmente resulta em alimentos mais saudáveis, com menores teores de resíduos de agroquímicos e maiores valores nutricionais.

A questão do consumo, particularmente quando se consideram os aspectos socioeconômicos e culturais, podem ser fatores limitantes à venda de produtos provenientes de sistemas agroecológicos de produção. De acordo com Altieri (2012), o mercado da agroecologia procura oferecer preços mais justos por meio dos esquemas locais de comercialização e das interações com os consumidores. No entanto, de acordo com Altieri e Nicholls (2021), ainda há uma longa trajetória até que seja possível chegar a um equilíbrio entre os custos desse modelo de produção, a oferta e a demanda.

A agroecologia, como ciência integradora, fornece princípios e práticas que libertam o agricultor das amarras dos insumos químicos, que prejudicam o meio ambiente e a saúde das pessoas, em nome de uma agricultura moderna, que visa lucro e a produtividade. Dessa maneira, proporciona as mais diversas interações trazendo novamente os ambientes equilibrados (ALTIERI; NICHOLLS, 2021).

Contudo, há de se considerar o custo de produção: é influenciado pela escala de produção. Assim, o alto custo dos alimentos orgânicos limita o acesso destes por parte significativa da sociedade. Em muitos casos, o preço dos produtos é ainda mais elevado se comparado aos valores praticados para os alimentos convencionais: a justificativa para que isso ocorra está relacionada

ao fato da demanda por esses produtos ser superior à sua oferta no mercado consumidor (BENEVIDES, 2018; PEREIRA, 2022).

Augusto e Sachuk (2007) afirmam que a agricultura orgânica “[...] possui custos de produção superiores ao cultivo tradicional, uma vez que essa não se utiliza de tecnologia intensiva nos insumos empregados no processo produtivo”, elevando o aumento dos preços desses produtos no mercado. Apesar de compreenderem sobre o alto custo das produções, os dados levantados junto aos consumidores consultados tanto nas pesquisas desses mesmos autores quanto no estudo realizado por Pereira (2022), apontam que a qualidade dos produtos orgânicos e, ou, agroecológicos superam os preços praticados, fazendo com que os consumidores relevem essa questão durante a escolha de seus produtos.

Assis e Romeiro (2002) afirmam que “[...] fator preço é sem dúvida um componente fundamental para a ampliação da base de consumo de produtos orgânicos” em consonância ao que é apresentado por Benevides (2018), que afirma a necessidade de que seja pensada, por parte dos produtores, uma estratégia que busque por um mercado em massa, não restringindo a comercialização e o consumo desses produtos a uma determinada classe de consumidores.

Barbosa e Lages (2006) afirmam que a sociedade contemporânea se preocupa em buscar por um consumo de produtos que propiciem mais benefícios para a saúde de sua família. Apesar de perceberem a diferença entre os preços praticados nos produtos convencionais e orgânicos e, ou, agroecológicos, sentem-se satisfeitos por realizar um consumo por meio de práticas sustentáveis e saudáveis.

Além da vantagem de adquirir esses produtos diretamente de produtores rurais, como ocorre nas feiras livres, a pesquisa realizada por Pereira (2022) revelou que o custo muitas vezes mais elevado não é um obstáculo significativo para o consumo desses produtos. Os consumidores que participaram da enquête demonstraram disposição a pagar mais por produtos que consideram mais saudáveis e alinhados com suas preocupações ambientais.

A referida pesquisa teve como objetivo avaliar a percepção dos consumidores nas feiras da região metropolitana de Vitória, ES. As análises realizadas permitiram um levantamento conceitual que destacou as principais considerações sobre os tipos de produção agrícola, incluindo a produção convencional, orgânica e agroecológica. No trabalho, ficou evidente que os consumidores associam os produtos agroecológicos e orgânicos à ideia de produtos saudáveis, tornando-os uma referência na relação entre qualidade de vida e boa alimentação.

Além disso, os estudos analisados enfatizaram a importância do pequeno produtor e sua autonomia no processo de produção e comercialização de seus produtos. Essa autonomia é vista como um aspecto positivo pelos consumidores, que valorizam a relação direta com os produtores.

No campo prático da pesquisa, os dados obtidos por meio da aplicação dos questionários corroboraram as informações teóricas. Os resultados apontaram que a relação com os produtos desempenha um papel fundamental tanto na escolha dos produtos quanto na escolha do local de compra. Os consumidores valorizam a oportunidade de conhecer melhor a origem dos produtos, incluindo informações sobre os modos de produção, durante o processo de compra.

Portanto, o estudo atingiu seu objetivo geral, fornecendo *insights* valiosos sobre a percepção dos consumidores de feiras na região da Grande Vitória, ES, em relação aos principais aspectos relacionados aos tipos de produção dos produtos agrícolas que consomem. Os participantes demonstraram estar bem informados sobre os produtos consumidos e valorizam a relação direta com os produtores, considerando isso ao fazerem suas escolhas de consumo (Figuras 12 e 13).

Foi observado, de acordo com os dados apresentados nos estudos analisados, que os consumidores associam produtos orgânicos e agroecológicos a uma busca por uma alimentação mais saudável, especialmente por serem produzidos sem a utilização de agrotóxicos. Eles têm consciência dos custos envolvidos nos processos de produção e, conseqüentemente, de comercialização desses produtos.



**Figuras 12 e 13.** Feiras de produtos orgânicos e agroecológicos na Grande Vitória, ES. Fonte: Pereira, 2022.

A percepção dos consumidores em relação ao consumo de produtos orgânicos e agroecológicos estão relacionadas a diversos benefícios, incluindo (Pereira, 2022):

1. **Bem-Estar Pessoal:** os consumidores veem o consumo desses produtos como uma escolha que beneficia sua saúde pessoal, pois evitam a exposição a substâncias químicas nocivas presentes em agrotóxicos.
2. **Responsabilidade Ambiental:** reconhecem a produção consciente e sustentável associada a esses produtos, o que contribui para a preservação do meio ambiente e a redução da contaminação de solos e água por produtos químicos.
3. **Responsabilidade Social:** os consumidores percebem as feiras livres como importantes espaços de apoio aos pequenos produtores rurais. Ao comprar diretamente desses produtores, eles contribuem para a autonomia econômica desses agricultores e para a disseminação de informações sobre práticas de produção mais sustentáveis.

Espera-se que os resultados desse estudo e de outros com o mesmo perfil contribuam para a disseminação de informações seguras sobre os modos de produção orgânicos e agroecológicos. É fundamental considerar a realidade dos

pequenos produtores e de seus consumidores, com o objetivo de ampliar esse nicho de mercado e promover uma agricultura mais sustentável e saudável.

Em resumo, a cadeia produtiva agroecológica e o consumo estão intrinsecamente ligados, promovendo uma abordagem sustentável à agricultura que beneficia o meio ambiente, as comunidades locais, a saúde e a qualidade dos alimentos. Essa abordagem valoriza a conexão entre produtores e consumidores e incentiva escolhas alimentares conscientes que levam em consideração os impactos sociais e ambientais da produção de alimentos.

## **5. Considerações**

A presença de pequenas propriedades rurais tem se transformado em um ato de resistência diante do sistema econômico predominante no mercado agrícola e pecuário, tanto nacional quanto internacional. Por intermédio da agricultura familiar, baseada na diversificação de atividades e na adoção de práticas agroecológicas, os agricultores familiares conseguem manter a viabilidade econômica de suas atividades.

No contexto da agricultura brasileira, a introdução de práticas agroecológicas e a mudança no modelo de produção, com foco na proteção ambiental e na preservação das tradições locais, têm o potencial de fortalecer o desenvolvimento rural. No entanto, o que frequentemente se observam é a desintegração das comunidades rurais voltadas para a subsistência em detrimento do crescimento do agronegócio empresarial do modelo convencional de produção.

Para muitos consumidores, produtos agroecológicos e orgânicos são considerados sinônimos de saúde e qualidade de vida. Isso faz com que esses produtos sejam referências quando se trata de fazer escolhas alimentares. Portanto, a importância dos agricultores familiares e a necessidade de fortalecer sua autonomia na produção e na comercialização de seus produtos são evidentes. Produtos oriundos de sistemas agroecológicos não apenas proporcionam benefícios sociais e ambientais significativos para a sociedade, mas também refletem no bem-estar pessoal, na responsabilidade ambiental e na responsabilidade social.

A adoção da pluriatividade, uma característica dos sistemas agroecológicos, emerge como uma alternativa sustentável para que os agricultores familiares possam permanecer no meio rural. Isso ocorre por meio da diversificação de atividades produtivas que mantêm vínculos com a terra e valorizam o meio ambiente e os conhecimentos locais de cada comunidade rural. É fundamental fortalecer os laços entre os agricultores familiares e seus consumidores, ampliando esse nicho de mercado por meio de circuitos alimentares de proximidade.

Em resumo, a preservação das pequenas propriedades rurais, a promoção da agricultura familiar e a adoção de práticas agroecológicas representam uma resposta importante aos desafios enfrentados no cenário agrícola atual. Essas abordagens não apenas contribuem para a sustentabilidade e a preservação cultural, mas também atendem às demandas dos consumidores por alimentos mais saudáveis e responsáveis do ponto de vista ambiental e social.

## 6. Referências

- ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. Do modelo agroquímico à agroecologia: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio ambientes**, n. 57, p. 245-257, 2021.
- ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista Nera**, n. 16, v. 13, p. 22-32, 2012.
- ALVES, E. R de A.; SOUZA, G. da S.; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, v. 10, n. 2, abr./mai./jun., p. 80-88, 2011.
- ASSIS, R. L.; ROMEIRO, A. R.. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 6, p. 67-80, 2002.
- AUGUSTO, C. A.; SACHUK, M. I. Competitividade da agricultura orgânica no estado do Paraná. **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**, v. 15, n. 2, p. 9-18, 2007.
- BARBOSA, L. C. B. G.; BRANDENBURG, A.; LAGES, A. M. G. A Pluriatividade na Agroecologia como uma Alternativa de Desenvolvimento para o Ambiente Rural. **Revista Brasileira de Tecnologia Agropecuária**, v. 1, n. 1, p. 86-96, 2017.

BARBOSA, L. C. G.; LAGES, A. M. G. Crença e certificação de produtos orgânicos: o exemplo da feira livre de Maceió. **Anais...** III Encontro da ANPPAS, 2006.

BENEVIDES, R. R. T. **Agricultura convencional versus agricultura orgânica: uma proposta de ensino CTS**. Dissertação de Mestrado, IFSP. São Paulo. 2018.

BERDEGUÉ, J. L.; REARDON, T.; ESCOBAR, G. La creciente importancia del empleo y el ingreso rurales no agrícolas. In: ECHEVERRÍA, R. G. (Ed.). **Desarrollo de las economías rurales**. Washington: BID, 2001.

BREITENBACH, Raquel. Estratégias de enfrentamento dos efeitos da pandemia na agricultura familiar. **Desafio Online**, v. 9, n. 1, p. 188-211, 2021. DOI: <https://doi.org/10.55028/don.v9i1.10941>

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Extensão rural e agroecologia**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 1998.

CASTRO, L. F. P. Agricultura Familiar: Perspectivas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 192, p. 142-154, 2017.

CONCEIÇÃO, F. C. da. Multifuncionalidade e pluriatividade rural. **Revista Tocantinense De Geografia**, n. 9, v. 18, p. 103-112, 2020.

DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. R. **Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **UN - Introducing the UN Decade of Family Farming**. 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming-decade/en/>. Acesso em: 13 maio 2022.

FERRARI, G. M. **Jovens do campo e projetos de vida: experiências dos egressos do PROEJA com Alternância do Instituto Federal Baiano – Campus Santa Inês**. 2020. 225 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M. M.; EGÍDIO, L. S.; SILVA, M. A. P. da; SILVA, F. de S.; SOUZA, M. N. Vivências em agroecologia e o papel da juventude no combate ao êxodo rural: uma realidade na Comunidade de Feliz Lembrança, Alegre – ES. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN: 2236-7934 - Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, 2023.

GRAÇA, R. L.; LAGES, A. M. G.; BARBOSA, L. C. B. G.. As novas faces do desenvolvimento rural no Brasil: tecendo uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 5, n. 1, p. 1255-1278, 2022.



LEAL, V. M.; AMBROSIM, J. F.; PRETO, B. de L.; SANTOS JÚNIOR, A. C.; PENNA JÚNIOR, C. O. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no desenvolvimento sustentável da agricultura familiar: estudo de caso da agroindústria Rancho Sossego. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2023. ISSN 2236-7934.

MACHADO, A. G.; CAUME, D. J. Multifuncionalidade e Pluriatividade como alternativas de desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil. In: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais... Grupo Familiar e Ruralidade**. Rio Branco-Acre, 20 a 23 de julho de 2008.

MARIN, M. Z. Agricultura familiar, pluriatividade e juventude rural no Município de Guarapuava-PR. **Tópicos em Ciências Sociais Volume 7**, p. 26, 2021.

MORORÓ, V. M. A.; FERREIRA, H. C. H.; FILHO, A. S. F. Juventude rural, agricultura familiar e turismo um estudo etnográfico. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, p. 119-141, 2021.

PEREIRA, H. C. **Convencional, orgânico ou agroecológico: percepção de consumidores em feiras da região metropolitana de Vitória-ES**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Sustentabilidade do Instituto Federal campus de Alegre). Alegre, 2022. 62 p.

POLLNOW, G. E.; CALDAS, V. C. Agroecologia e sucessão geracional na agricultura: Novas possibilidades para juventude rural? **Estudios Rurales**, v. 11, n. 22, p. 2250-4001, 2021.

SAKAMOTO, C. S.; NASCIMENTO, C. A.; MAIA, A. G. As Famílias Pluriativas e Não Agrícolas no Rural Brasileiro: condicionantes e diferenciais de renda. **Rev. Econ. Sociol. Rural** [online], v. 54, n. 3, p. 561-582, 2016.

SANTORO, P.; PINHEIRO, E. **O município e as áreas rurais**. São Paulo: Instituto Pólis, 2004.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 16, p.164-184, 2001. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/191.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

SCHNEIDER, S. **Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2003.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **A agricultura familiar no Brasil**. Série Documentos de Trabajo N° 145. Grupo de Trabajo: Desarrollo con Cohesión Territorial. Programa Cohesión Territorial para el Desarrollo. Rimisp, Santiago, Chile, 2003.

SILVA, G. M. G.; SILVA, J. N. **Pluriatividade da agricultura familiar e os efeitos da pandemia de Covid-19 na comunidade Travessa São Pedro II,**

**Santa Maria do Pará.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Agronomia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, 2022.

SILVA, H. M. **Economia pluriativa e geração de renda da agricultura familiar Quilombo Cavahada-Flores-PE.** Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

SILVA, J. F. G. DA; HOFFMANN, R. **Caracterização do Novo Rural Brasileiro: 1992 - 1998 / fase III.** Pesquisa Fapesp, São Paulo, p. 14-17, out. 2001.

SILVA, J. G. DA. **O Novo Rural Brasileiro.** Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SILVA, J. G. DA. O Novo Rural Brasileiro. **Nova economia**, v. 7, n. 1, p. 1997.

SILVA, J. M. V. O.; SOUZA, M. N.; RANGEL, O. J. P.; FORNAZIER, M. L.; LOUBACK, G. C.; PIROVANI, G.; SIQUEIRA, C. B. **Sistemas agroflorestais (SAFs) e a cafeicultura.** In: Produção de café orgânico: práticas agroecológicas conservacionistas e novas tecnologias disponíveis ao produtor rural. 1 ed. Meidrum Street, Mauricius: Novas Edições Acadêmicas, 2021, v.1, p. 40-50.

SILVA, J. V.; LOPES, V. S.; ALMEIDA, M. V. R. de; GIRÃO, A. L. de A.; QUEMEL, P. da S.; OLIVEIRA, R. T. de; OLIVEIRA, T. S. de. **Segurança alimentar de agricultores agroecológicos do Semiárido Brasileiro.** Revista ELO – Diálogos em Extensão, [S.l.], v. 10, 2021. DOI: 10.21284/elo.v10i.11021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/11021>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SILVA, M. A. A.; SILVA, D. M.; SILVA, J. M. M.; COSTA, L. R.; SOUZA, M. N. Informalidade e redes sociais: famílias produtoras de cachaça no município de Rio Pomba, MG. Por Extenso: **Boletim de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**, v. 4, p.127-135, 2013.

SOARES, J. A. P. **A pluriatividade na agricultura familiar: estudo nos assentamentos Agrovila Rio Verdinho em Rio Verde (GO) e Nossa Senhora de Guadalupe em Jataí (GO).** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2017.

SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas.** Vol. VI. – Canoas, RS: Mérida Publishers, 2023b. 322 p. ISBN: 978-65-84548-14-5. DOI: <https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-14-5>.

SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas.** Vol. V. – Canoas, RS: Mérida Publishers, 2023a. 348 p. ISBN: 978-65-84548-12-1. DOI: <https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-12-1>.

SOUZA, M. N.; MEDEIROS NETO, J.; MONTEIRO, R. J.; VIÇOSI, D. B.; LEAL, V. M.; SANTOS JÚNIOR, A. C.; NOVAES, C. A. de; NOVAES, G. A. de; PINHEIRO, A. C. M.; CRESPO, A. M.; NASCIMENTO, P. de O. Extensão rural - acesso à informação e ao livre mercado. In: SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas.** Vol. VI. – Canoas, RS: Mérida Publishers,

2023. p. 276-313. **ISBN:** 978-65-84548-14-5. DOI:  
<https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-14-5.c10>

VEIGA, J. E. da. **Cidades Imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.

VIRGOLIN, I. W. C. Pluriatividade. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 22, n. 1, p. 143-159, 2022.

WHITAKER, D. C. A. **Memória Social, Meio Ambiente e Envelhecimento no Brasil Rural:** três olhares (estudo comparativo). Pesquisa de produtividade. CNPq, 2009.

WHITAKER, V. A.; SOUZA, M. F. de; WHITAKER, D. C. A. **Paradoxos emergentes da ruralidade.** Retratos de Assentamentos, v. 2, n. 19, p. 375-406, 2016.